

NA CELEBRAÇÃO DE BAPTISMOS DE CRIANÇAS

1. O diálogo à porta da Igreja

O rito do Baptismo traz à memória com insistência o tema da fé, já no início, quando o Celebrante recorda aos pais que pedindo o baptismo para os próprios filhos, assumem o compromisso de os "*educar na fé*".

Vós destes uma resposta à entrada da Igreja: esperamos para os nossos filhos a vida eterna. É esta a finalidade do Baptismo. Mas como pode ser realizado? Como pode o Baptismo dar a vida eterna? O que é a vida eterna? Poder-se-ia dizer com palavras mais simples: esperamos para estas nossas crianças uma vida boa; a vida verdadeira; a felicidade também num futuro ainda desconhecido. Nós não somos capazes de garantir este dom durante todo o tempo futuro desconhecido e, por isso, dirigimo-nos ao Senhor para obter dele este dom.

À pergunta: "*Como acontecerá isto?*" podemos dar duas respostas.

1.1. A primeira: no Baptismo cada criança é inserida numa companhia de amigos que nunca a abandonará na vida nem na morte, porque esta companhia de amigos é a família de Deus, que tem em si a promessa da eternidade. Esta companhia de amigos, esta família de Deus, na qual agora a criança é inserida:

a) acompanhá-la-á sempre, também nos dias de sofrimento, nas noites escuras da vida;

b) dar-lhe-á consolo, conforto e luz;

c) esta companhia, esta família dar-lhe-á palavras de vida eterna. Palavras de luz que respondem aos grandes desafios da vida e dão a indicação justa sobre o caminho a empreender.

d) esta companhia oferece à criança consolo e conforto, o amor de Deus também no limiar da morte, no vale escuro da morte.

e) Dar-lhe-á amizade, vida.

f) E esta companhia, absolutamente fiável, nunca desaparecerá. Ninguém sabe o que acontecerá no nosso planeta, na nossa Europa, nos próximos cinquenta, sessenta, setenta anos. Mas, sobre um ponto temos a certeza: a família de Deus estará sempre presente e quem pertence a esta família nunca ficará só, terá sempre a amizade certa d'Aquele que é a vida.

1. 2. E assim chegamos à segunda resposta. Esta família de Deus, esta companhia de amigos é eterna, porque é comunhão com Aquele que venceu a morte, que tem nas mãos as chaves da vida. Estar na companhia, na família de Deus, significa estar em comunhão com Cristo, que é vida e dá amor eterno além da morte. E se podemos dizer que amor e verdade são fontes de vida, são a vida e uma vida sem amor não é vida podemos dizer que esta companhia com Aquele que é vida realmente, com Aquele que é o Sacramento da vida, responderá à vossa expectativa, à vossa esperança. Sim, o Baptismo insere na comunhão com Cristo e assim dá vida, a vida. Interpretamos desse modo o primeiro diálogo que tivemos aqui, na entrada.

2. O sinal da Cruz

O primeiro gesto é o **sinal da cruz**, que nos é dado como escudo que deve proteger este menino na sua vida; é como um "indicador" para o caminho da vida, porque a cruz é o resumo da vida de Jesus.

3. O diálogo na renúncia e profissão de fé

Agora, depois da bênção da água, seguir-se-á um segundo diálogo, de grande importância, que se dirige à fé dos pais e padrinhos: "*Compete a vós educá-los na fé para que a vida divina seja preservada do pecado e cresça dia após dia. Portanto, se em virtude da vossa fé, estais prontos a assumir este compromisso... fazei a vossa profissão em Cristo Jesus. É na fé da Igreja que os vossos filhos são batizados*".

Estas palavras do rito sugerem que, de qualquer forma, a profissão de fé e a renúncia ao pecado por parte dos pais, dos padrinhos e madrinhas representam a **premissa necessária** para que a Igreja confira o Baptismo aos seus filhos.

O conteúdo é este: o Baptismo como vimos é um dom; o dom da vida. Mas um dom deve ser acolhido, deve ser vivido. Um dom de amizade exige um "sim" ao amigo e um "não" a tudo o que não for compatível com esta

amizade, a tudo o que não está em sintonia com a vida da família de Deus, com a verdadeira vida em Cristo. E assim, neste segundo diálogo, o "não" e o "sim" são pronunciados três vezes.

3.1. «Sim, renuncio», três vezes “não”

Diz-se "não" e renuncia-se às tentações, ao pecado, ao diabo. Conhecemos bem estas coisas, mas talvez porque as ouvimos demasiadas vezes, estas palavras não nos dizem muito. Então devemos aprofundar um pouco os conteúdos destes "não". A que dizemos "não"? Só assim podemos compreender ao que desejamos dizer "sim".

No princípio, renúncia à aparência de vida, à perversão da alegria

Na Igreja antiga estes "não" eram resumidos numa palavra que para os homens daquele tempo era muito compreensível: renuncia-se assim se dizia à "*pompa diabuli*", isto é, à promessa da vida na abundância, daquela aparência de vida que parecia vir do mundo pagão, das suas liberdades, do seu modo de viver apenas segundo o que agradava.

Por conseguinte, era um "não" a uma cultura aparentemente de abundância da vida, mas que na realidade era uma "anti-cultura" da morte. Era o "não" aos espectáculos **onde a morte, a crueldade, a violência se tinham tornado divertimento.**

Pensemos no que acontecia no Coliseu ou aqui, nos jardins de Nero, onde os homens eram acesos como tochas vivas. A crueldade e a violência tinham-se tornado um motivo de divertimento, uma verdadeira perversão da alegria, do verdadeiro sentido da vida. Esta "*pompa diabuli*", esta "anti-cultura" da morte era uma **perversão da alegria**, era amor à mentira, ao engano, era abuso do corpo como mercadoria e como comércio.

Hoje, renúncia à anti-cultura da morte

E se agora reflectimos, podemos dizer que também no nosso tempo é necessário dizer "não" à cultura amplamente dominante da morte. Uma "anti-cultura" que se manifesta, por exemplo, na droga, na fuga do real para o ilusório, para uma felicidade falsa que se expressa na mentira, no engano, na injustiça, no desprezo do próximo, da solidariedade, da responsabilidade pelos pobres e pelos que sofrem; que se exprime numa sexualidade que se torna puro divertimento sem responsabilidade, que se torna uma

"coisificação" por assim dizer do homem, que já não é considerado pessoa, digno de um amor pessoal que exige fidelidade, mas se torna mercadoria, um mero objecto. A esta promessa de aparente felicidade, a esta "*pompa*" de uma vida aparente que na realidade é apenas instrumento de morte, a esta "anti-cultura" dizemos "não", para cultivar a cultura da vida.

3.2. Sim, creio! Um sim à Vida

Por isso o "sim" cristão, dos tempos antigos até hoje, é um grande "sim" à vida. Este é o nosso "sim" a Cristo, o "sim" ao vencedor da morte e o "sim" à vida no tempo e na eternidade. Assim como naquele diálogo baptismal o "não" se desenvolve em três renúncias, também o "sim" se desenvolve em três decisões:

Três vezes «sim»

- "Sim" ao Deus vivo, isto é, a um Deus criador, a uma razão criadora que dá sentido à criação e à nossa vida;
- "Sim" a Cristo, ou seja, a um Deus que não permaneceu escondido mas que tem um nome, que tem palavras, corpo e sangue; a um Deus concreto que nos dá a vida e nos mostra o caminho da vida;
- "Sim" à comunhão da Igreja, na qual Cristo é o Deus vivo, que entra no nosso tempo, entra na nossa profissão, entra na vida de todos os dias.

3.3. Sim aos Mandamentos. Do «não» ao «sim»

Também poderíamos dizer que o rosto de Deus, o conteúdo desta cultura da vida, o conteúdo do nosso grande "sim", se expressa nos dez Mandamentos, que não são um pacote de proibições, de "não", mas na realidade apresentam uma grande visão de vida.

1º.2º.3º. São um "sim" a um Deus que dá sentido ao viver (os três primeiros mandamentos);

4º São um "sim" à família (quarto mandamento);

5º "sim" à vida (quinto mandamento);

6º "sim" ao amor responsável (sexto mandamento);

7º "sim" à solidariedade, à responsabilidade social, à justiça (sétimo mandamento);

8º "sim" à verdade (oitavo mandamento),

9º; 10º: "sim" ao respeito do próximo e do que lhe é próprio (nono e décimo mandamentos).

É esta a filosofia da vida, a cultura da vida, que se torna concreta, praticável e bela na comunhão com Cristo, o Deus vivo, que caminha connosco na companhia dos seus amigos, na grande família da Igreja. O Baptismo é dom de vida. É um "sim" ao desafio de viver verdadeiramente a vida, dizendo "não" ao ataque da morte que se apresenta com a máscara da vida; e é "sim" ao grande dom da verdadeira vida, que se fez presente no rosto de Cristo, o qual se doa a nós no Baptismo e depois na Eucaristia.

4. O tema da fé, antes do Baptismo

Imediatamente antes da infusão da água sobre a cabeça do recém-nascido há depois mais uma chamada à fé. O celebrante faz uma última pergunta: "*Quereis que vosso filho receba o Baptismo na fé da Igreja, que todos juntos professamos?*". E só após a sua resposta afirmativa é administrado o Sacramento.

Queridos amigos, hoje para estas crianças é um dia grandioso. Com o Baptismo, elas, tendo-se tornado participantes da morte e ressurreição de Cristo, iniciam com ele a aventura jubilosa e **exaltante do discípulo. A liturgia apresenta-a como uma experiência de luz.**

5. O Baptismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

No Baptismo, o Pai celeste repete estas palavras também a cada uma destas crianças. Ele diz: "Tu és o meu filho". O Baptismo é adopção e assunção na família de Deus, na comunhão com a Santíssima Trindade, na comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. Exactamente por isso o Baptismo deve ser administrado em nome da Santíssima Trindade. Estas palavras não são apenas uma fórmula, mas uma realidade. Assinalam o momento em que os vossos filhos renascem como filhos de Deus. De filhos de pais humanos que são, passam a ser também filhos de Deus no Filho de Deus vivo.

No Baptismo cristão, instituído por Cristo, não agimos sozinhos com o desejo de sermos purificados, com a oração para alcançar o perdão.

No Baptismo é o próprio Deus que age, é Jesus que age através do Espírito Santo. No Baptismo cristão está presente o fogo do Espírito Santo. É Deus que age, e não apenas nós. Deus está presente aqui e hoje. Ele assume e torna os seus filhos vossos filhos.

Naturalmente, Deus não age de modo mágico. Ele age somente com a nossa liberdade. Por conseguinte, quando, segundo a tradição cristã como hoje fazemos, se baptizam as crianças introduzindo-as na luz de Deus e dos seus ensinamentos, não lhes fazemos violência, mas concedemos-lhe a riqueza da vida divina em que se arraiga a verdadeira liberdade própria dos filhos de Deus; uma liberdade que deverá ser educada e formada com o amadurecimento dos anos, para que se torne capaz de opções pessoais responsáveis.

6. Os elementos do Baptismo

Depois há os elementos: a água, a unção com o óleo, as vestes brancas e a chama da vela acesa

6.1. A **água** é o símbolo da vida: o Baptismo é vida nova em Cristo. A água é o elemento da fecundidade. Sem água não há vida. E assim, em todas as grandes religiões a água é vista como símbolo da maternidade, da fecundidade. Para os Padres da Igreja, a água torna-se o símbolo do seio materno da Igreja. Num escritor eclesiástico dos séculos II-III, Tertuliano, encontra-se uma palavra surpreendente. Ele afirma: "Cristo nunca existe sem água". Com estas palavras, Tertuliano queria dizer que Cristo jamais existe sem a Igreja.

6.2. O **óleo** é o símbolo da força, da saúde, da beleza, porque é realmente belo viver em comunhão com Cristo.

6.3. Depois a **veste branca**, como expressão da cultura da beleza, da cultura da vida.

6.4. E por fim a **chama da vela**, como expressão da verdade que resplandece nas obscuridades da história e nos indica quem somos, de onde provimos e para onde devemos ir. De facto, entregando a cada um a vela acesa no círio pascal, a Igreja afirma: "*Recebi a luz de Cristo!*". É o Baptismo que ilumina

com a luz de Cristo, que abre os olhos ao seu esplendor e introduz no mistério de Deus através da luz divina da fé. Sob esta luz deverão caminhar por toda a vida as crianças que estão para serem baptizadas, ajudadas pelas palavras e pelo exemplo dos pais, dos padrinhos e das madrinhas. Eles deverão comprometer-se a alimentar com as palavras e com o testemunho da sua vida as chamas da fé das crianças, para que possa resplandecer neste mundo, que com frequência anda errante nas trevas da dúvida, e levar a luz do Evangelho que é vida e esperança. **Também nos nossos dias a fé é um dom que se deve redescobrir, cultivar e testemunhar.**

7. Os ritos explicativos do Baptismo

Também **nos ritos explicativos** – unção com o crisma, entrega da veste branca e do círio aceso, gesto do "Effata" – a fé representa o tema central.

"Preocupai-vos – diz a fórmula que acompanha a entrega do círio – por que os vossos filhos... vivam sempre como filhos da luz; e perseverando na fé, vão ao encontro do Senhor que vem";

"O Senhor Jesus – afirma ainda o Celebrante no rito do "effata" – te conceda ouvir depressa a sua palavra, e professar a tua fé, para louvor e glória de Deus Pai".

Depois, tudo é coroado pela bênção final que recorda ainda aos pais o seu compromisso de serem para os filhos "*as primeiras testemunhas da fé*".

8. A oração do Pai-Nosso

O cristianismo não é uma realidade somente espiritual, individual, uma simples decisão subjectiva que eu tomo, mas que é algo concreto, poderíamos dizer mesmo algo material. A família de Deus constrói-se na realidade concreta da Igreja. A adopção como filhos de Deus, do Deus trinitário, é assunção na família da Igreja e, contemporaneamente, inserção como irmãos e irmãs na grande família dos cristãos. E somente se, enquanto filhos de Deus, nos inserimos como irmãos e irmãs na realidade da Igreja, podemos recitar o "Pai-Nosso" ao nosso Pai celestial. Esta prece supõe sempre o "nós" da família de Deus.

9. A Bênção do Pai e da Mãe

O Baptismo permanecerá durante toda a vida um dom de Deus, que imprimiu o seu selo nas nossas almas. Mas depois será a nossa cooperação, a disponibilidade da nossa liberdade a dizer o "sim" que há-de tornar eficaz a acção divina.

Estes vossos filhos, que agora baptizaremos, são ainda incapazes de colaborar, de manifestar a sua fé. Por isso, adquire valor e significado particulares a vossa presença, queridos pais e mães.

Vigiai sempre sobre estes vossos pequeninos para que, crescendo, aprendam a conhecer Deus, a amá-lo com todas as forças e a servi-lo fielmente.

Sede os seus primeiros educadores na fé, oferecendo juntamente com os ensinamentos também os exemplos de uma vida cristã coerente.

Ensinai-os a rezar e a sentir-se membros activos da família de Deus concreta, da comunidade eclesial.